

O RACISMO PRESENTE NAS HQS (HISTÓRIAS EM QUADRINHOS)

Francisco Ribeiro da Costa Carvalho

Universidade Federal de Campina Grande – francisco_ribeiro87@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Celso Gestermeier do Nascimento

Universidade Federal de Campina Grande – celsgno@uol.com.br

RESUMO

Ao longo dos anos, a história dos grupos étnico-raciais foi marcada por exclusão e discriminação, onde sofreram preconceitos e torturas diversas. Com o passar do tempo, a luta contra o racismo foi se tornando mais intensa, levando esses grupos discriminados a conquistarem direitos. Dessa forma, o racismo foi se tornando um tema gerador no cotidiano escolar. Diante disso, o presente artigo se propõe a fazer uma análise sobre o racismo contido em muitas histórias em quadrinhos, de diferentes épocas e estilos. Tem o intuito de mostrar o quanto a mídia usa dessas histórias para, de certa forma, propagar conteúdos racistas. Ademais, muitas dessas histórias em quadrinhos tratam da temática racial de forma superficial que acabam por influenciar na visão de mundo de crianças e jovens. Sabendo da influência dessas histórias e de seus personagens, objetivamos, ainda, abordar como essas histórias são apresentadas ao público e o impacto que as mesmas e seus super-heróis promovem. Para tanto, a metodologia utilizada para essa pesquisa é de natureza bibliográfica e de análise documental. Como aporte teórico, teremos autores como, Breda (2015), Nunes (2013), Wense (2015), Nascimento (2007) e, ainda, documentos oficiais do Ministério da Educação tais como, a “Constituição Federal de 1988” e as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro- Brasileira e Africana”. Com essa pesquisa, é possível inferir o quanto essas histórias específicas dos quadrinhos trazem, em sua essência, um caráter discriminatório, contribuindo, por sua vez, para uma visão distorcida dos grupos étnico-raciais retratados nas histórias.

Palavras-chave: Racismo; História em Quadrinhos; Super-Heróis.

1. INTRODUÇÃO

A história dos grupos étnico-raciais é marcada por discriminação, preconceitos e lutas por igualdade. Muitos desses povos ainda sofrem, devido a uma história mal contada que os difama. Essa omissão leva a olhares de descriminação e falta de conhecimento da capacidade cultural e intelectual de muitos desses povos, em especial os africanos, que são muitas vezes tratados como inferiores, porem, sabe-se que isso não é verdade.

Várias noções falsas foram criadas para justificar a idéia da inferioridade do negro africano. Dizia-se que os negros não construíram civilização. Mas algumas das primeiras civilizações do mundo, como a egípcia e a núbica, estão na África. Como justificar, então, a idéia da falta de capacidade dos negros africanos para criar ou mesmo contribuir para a civilização humana? (NASCIMENTO, 2007, p. 20).

Essa discriminação está presente em diversos meios de comunicação, bem como na literatura, a exemplo das histórias em quadrinhos (Hqs). Por ser um material de fácil acesso, essas historias podem ser facilmente geradora de opinião, quando lida pelo público jovem, que muitas vezes não tem tanto conhecimento do real conteúdo tratado. De um lado, pode levar a criança “negra”, a um sentimento de inferioridade, enquanto na criança “branca”, um sentimento de superioridade (BREDA, 2015, p. 19).

Muitas crianças ou jovens, em sua maioria, já tiveram ou têm um super-herói favorito. Mas quem é esse personagem, quais suas características e quem ou o quê ele esta defendendo? A luta por “justiça” é um dos temas mais fortes presentes nas Hqs. Seus personagens buscam por um ideal e defesa da paz, e todo super-herói tem o seu vilão.

Por ser um material onde se faz uso de imagens, as Hqs são facilmente absolvidas pelo publico jovem em geral. Os personagens ali contidos entram no imaginário da criança instantaneamente, fazendo as mesmas acreditarem no papel dos personagens ali apresentados. Eis o grande problema! Em muitas historias de personagens consagrados, como: *O Fantasma*, *Tarzan*, *Tex* e *Mandrake*, são possíveis encontrar exemplos de racismo. Os negros ali apresentados muitas vezes ou são vilões ou ajudantes (serviçais) desses super-heróis, deixando assim os negros no papel de submissos aos “heróis”, em sua grade maioria, interpretados por brancos. É válido ressaltar também a forma física como os negros são tratados:



No geral, podemos ver dois tipos de estereótipos relacionados ao negro: o cultural (pobre, bandido, semi-analfabeto) e o físico (pele muito escura e lábios muito grossos, a chamada “blackface”). Nas produções voltadas para o público infantojuvenil, o estereótipo físico é o mais encontrado (em animações e quadrinhos produzidos até 1950), mas existem também exemplos de estereótipos culturais (WENSE, 2015, p. 15).

Muitas dessas histórias, que retratam o negro de uma forma inferiorizada, estão presentes no cotidiano da sala de aula, usadas como ferramentas pedagógicas, a exemplo dos quadrinhos da Turma da Mônica. No entanto, inclusive as histórias dessa personagem, principalmente a edição especial da revista *turma da Mônica* – coleção *você sabia?* – traz a temática afro-brasileira em suas histórias, porém de uma forma distorcida. Essa coleção tem como objetivo, ser uma fonte de informações lúdicas, onde possa facilitar o aprendizado de certos feitos históricos nacionais, entre eles o “descobrimento” e a “independência” (BREDA, 2015). Esse tipo de material impresso e, distribuído em todo o território nacional, pode muito bem levar as pessoas que as leem a terem uma visão preconceituosa de situações envolvendo grupos étnicos raciais. Esse material, por ser com conteúdo específico para crianças e jovens, pode influenciar na visão de mundo destas.

Vale elencar que muitos desses materiais, tratam os temas abordados de formas superficiais, com isso, pode ser que a intenção de combater o racismo, por exemplo, se torne infrutífero. É importante também, falar do papel de muitos “super-heróis”, bem como de seus “ajudantes” e, também, dos “vilões”. Em muitas histórias, principalmente as que envolvem nativos tanto indígenas quanto africanos, vemos muitas vezes os mesmos no papel de vilões ou selvagens que precisam ser combatidos, para assim a região em que eles vivem seja fonte de “progresso”. São esses estereótipos, que devem ser combatidos, pois, a criança ao ter contato com esse tipo de material, vai associar muitas vezes - dependendo da história contada - os “vilões” a determinado grupo étnico.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para essa pesquisa é bibliográfica e de análise documental, desenvolvida, a priori, com base em material já elaborado, principalmente fundamentado por livros e artigos científicos (GIL, 2002).

De acordo com Moresi (2003):

Pesquisa bibliográfica é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral. Fornece instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa, mas também pode esgotar-se em si mesma (p. 10).



Nossos principais interlocutores foram: Breda (2015), Nunes (2013), Wense (2015) e Nascimento (2007). Além dos autores, fizemos uso de documentos oficiais do Ministério da Educação, bem como da Constituição Federal (1988), para alicerçar nossa pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos nos leva a constatação de que, em muitas Hqs, os estereótipos de cada personagem ficam em evidência. Os super-heróis são, em geral, personagens brancos, que defendem um ideal ocidental, onde tratam as outras civilizações como inferiores e estranhos, a exemplo de *O Fantasma*, que é interpretado por um personagem branco, mas suas aventuras são geralmente passadas na África. Ele muitas vezes é mostrado como o ideal de civilização, pois, em muitas aventuras, grupos africanos recorrem ao mesmo para resolverem seus problemas tribais, levando assim a um modo de submissão. Outro fato importante a respeito das histórias de *O Fantasma* é a caracterização realizada de muitas tribos, onde elas se apresentam como selvagens e fora dos padrões, menos as que os *super-heróis* ajudam, pois essas são mostradas como felizes e



prósperas
(GUEDES,
2002).

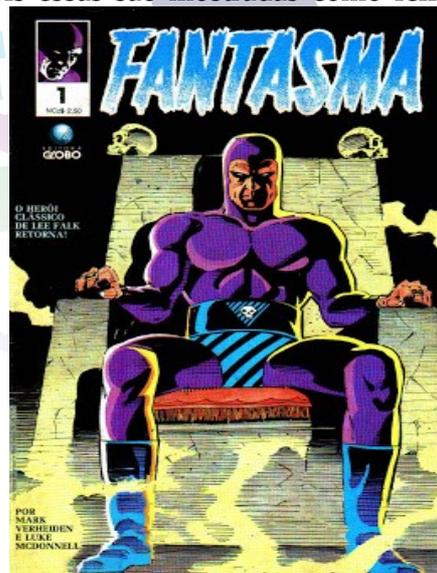
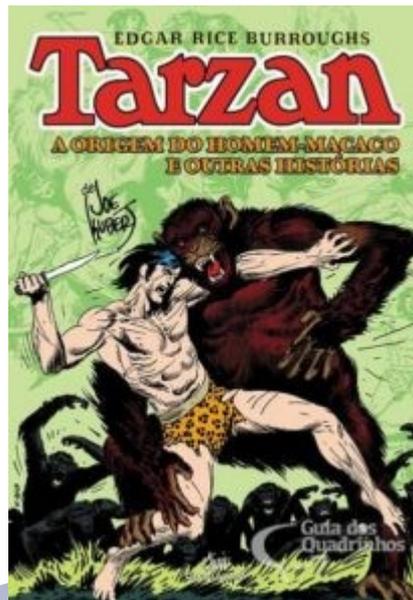


Figura 1 e 2: Capas de edições de “O Fantasma”.
Fonte: Imagens do Google.



Outro personagem de cor branca no continente Africano, foi branco a habitar o continente. representante imaginário do Tarzan também detinha o título contexto, a imagem da África como uma terra selvagem, perigosas (BREDA, 2015).



branca, que ganhou destaques *Tarzan*. Ele era a única pessoa Era tido por muitos como o capitalismo europeu na África. de “Rei dos Macacos”. Nesse que era passada a caracterizava cheia de perigo e pessoas

Figura 3: Capa de Tarzan. A imagem mostra o personagem em um ambiente selvagem (Nesse caso, a África).
Fonte: Imagens do Google.

Na mesma linha temos *Mandrake*, um magico de cor branca que muitas vezes combatia seus inimigos na companhia do seu “ajudante”, o ex-príncipe africano *Lothar*, que deixou seu reino para seguir Mandrake como o seu ajudante. Outra característica peculiar era dada a Lothar. Esse personagem era apresentado como um negro de grande estatura que nas imagens sempre está atrás de Mandrake, considera que essa foi uma jogada para dar destaque graficamente ao mágico. Alguns críticos, por sua vez, defendem que a introdução de Lothar nas historias de Mandrake foi um modo de abrir espaço para que outros coadjuvantes, pertencentes a minorias étnicas, pudessem ter espaço nas histórias, o que não aconteceu. (VILELA, 2011).

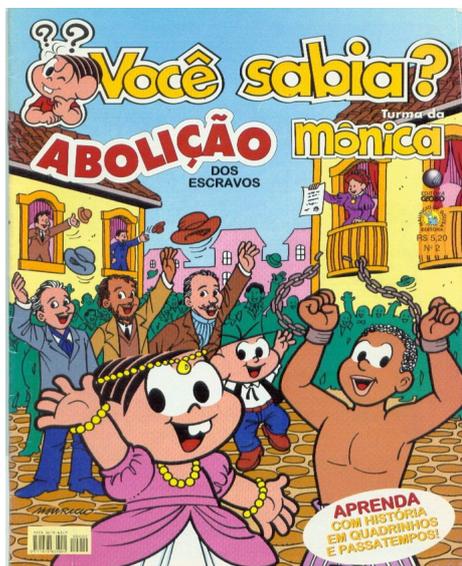
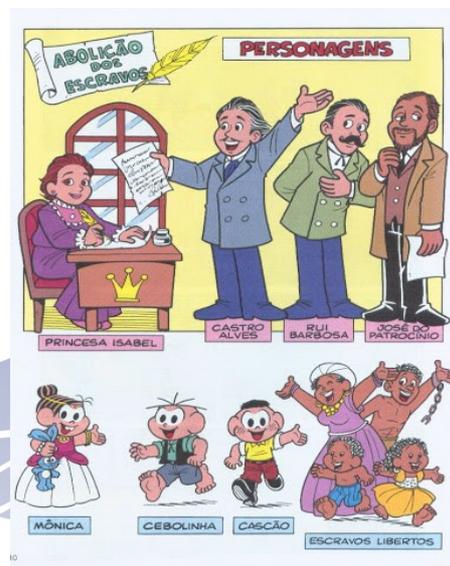


Figura
seu
Fonte:

4: Mandrake e
Lothar, como
sempre, o
ajudante atrás
patrão.
Imagem do
Google.
Um dos



de

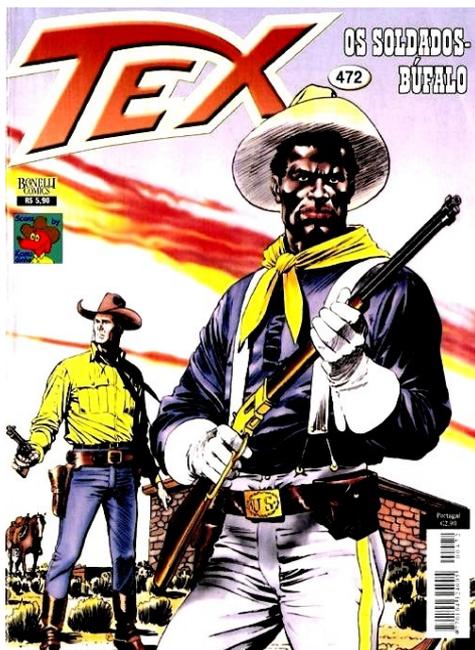
quadrinhos brasileiros que retrata também essa temática de uma forma impropria, é a *turma da Mônica*, com destaque para a coleção “**Você sabia?**”. Era para ser uma revista que iria combater essa temática racista, mas acabou tendo seu conteúdo veladamente eurocêntrico.



Figuras 5 e 6: Capa e uma amostra da
Mônica.

coleção “Você sabia?” da Turma da

Fonte: Imagens do Google.



As



imagens acima retratam, de uma forma errônea, a abolição da escravatura, mostrando os escravos felizes e passivos, comemorando, acorrentados, sua “liberdade”. Conforme Breda (2015), essa coleção da Turma da Mônica representa a figura do negro a partir de caracterizações estereotipadas:

A figura do homem negro é representada em dezenas de imagens negativas: sofrendo, trabalhando acorrentado, sendo castigado. Em 44 imagens em que aparecem personagens negros, somente seis os apresentam em liberdade. Destas, duas se passam dentro do contexto da escravidão, em situação de fuga ou em lembranças de um cativo. São 40 imagens negativas e estereotipadas para quatro positivas, ou seja, 90% da obra reforçam a condição de inferioridade da população afrodescendente (BREDA, 2015, s/p).

Por fim, mas não menos importante, temos o personagem de Faroleste americano: *Tex*. Em suas histórias nos deparamos com vários preconceitos aos grupos étnicos, principalmente aos indígenas, que são retratados como os vilões da trama. Os negros ganham destaque em muitas narrativas pelo fato do tempo cronológico das histórias serem passadas durante a guerra de secessão americana. Outro fator importante é a grande atuação da Ku Klux Klan, que reprende com violência os negros.



Figuras 7 e 8: A primeira (capa) mostra a atuação dos negros na guerra de secessão. A segunda, por sua vez, retrata um personagem negro sendo perseguido pela Ku Klux Klan.
Fonte: Imagens do Google.

Levando em consideração as análises supracitadas, é notório que em muitas publicações desse gênero (Hqs), não há uma real preocupação com as temáticas abordadas, assim como o destaque dado aos personagens. Bem como abordado em situações anteriores, as histórias em quadrinhos são consumidas por crianças e jovens, que muitas vezes absorvem as narrativas, assim como as ações de seus personagens, e acabam associando aos povos nativos, os personagens e seus atos contidos na HQ. Se em muitas histórias os negros são sempre abordados como escravos, pobres ou vilões, essa é a imagem que vai ficar na mente dos leitores mirins.

Surge, dessa forma, uma preocupação real na forma como as mídias e editoras estão usando essas matérias para abordarem temas complexos, como racismo e escravidão. É sabido que, em muitos dos casos, não se têm uma pesquisa séria realizada em torno dos conteúdos a serem abordados. O sentido maior é o lucro que as histórias vão gerar. O problema é ainda maior quando nos damos conta dos valores usados em muitas dessas histórias, como podemos observar na citação a seguir:

A literatura como manifestação artística ao mesmo tempo é reflexo e também reflete valores culturais de determinada sociedade. Estes valores são impressos pelo topo da hierarquia social. Uma sociedade excludente como a brasileira reproduz os valores que determinam a exclusão nas suas manifestações artísticas, tensionando o campo da cultura. Quando o assunto é racismo, a literatura e gêneros literários não saem ilesos (LOPES, 2013 s/p).

Ademais, as histórias em quadrinhos são uma forma de conhecimento e é válido trabalhar com essas histórias em sala de aula, uma vez que estimula a leitura dos alunos. Além disso, é interessante trabalhar, através das Hqs, temáticas históricas. No entanto, é preciso escolher as histórias que contemplem a narrativa sem ser tendenciosa com os grupos abordados. É uma tarefa



um tanto difícil, mas ao mesmo tempo, de grande relevância. Nunes (2013, p. 59) nos confirma ao dizer que as histórias em quadrinhos é um gênero próprio para o consumo, em suas palavras, “[...] a HQ é um típico gênero da popularização dos meios de comunicação, uma produção cultural com fortes bases industriais, ou seja, orientada para as vendas, para o desejo do público no que se refere ao consumo e às diversas questões do mercado”.

4. CONCLUSÕES

Embora haja a negação, por parte da maioria dos brasileiros em geral, o preconceito ainda existe e é nítido em inúmeras situações. Mesmo com toda a conquista adquirida com os anos e com as leis existentes em nosso País, é possível verificarmos que nos dias atuais, muitos negros ainda enfrentam o racismo implícito presente nos indivíduos.

Como supracitado, a temática sobre os negros está presente em várias histórias em quadrinhos, todavia, o personagem negro é retratado de forma racista e preconceituosa, enaltecendo características específicas desses povos nas imagens, como por exemplo, lábios carnudos, pés grandes e descalços. Dessa forma, conclui-se que os negros são retratados de formas menosprezadas em muitas histórias em quadrinhos. No entanto, vale ressaltar que, assim como tem histórias que não retratam a realidade, há aquelas que trazem temáticas importantes a serem abordadas no contexto diário do público jovem.

Contudo, vale ressaltar que a maioria das HQs analisadas foram escritas há décadas, quando o tema racial era muito mais forte no mundo inteiro. Hoje encontramos algumas histórias, a exemplo da coleção “Você sabia?” da Turma da Mônica, que retratam a história de uma forma infiel, como fica explícito nas figuras 5 e 6. É possível destacar que os quadrinhos são fontes documentais de grande importância, pois, possuem características bastante fortes, que são o uso das imagens, a chamada Narrativa Sequencial, que faz com que o leitor absolva mais facilmente o seu conteúdo. Por isso mesmo, que as imagens utilizadas devem trazer um teor que retratem a realidade e não há distorça.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro- Brasileira e Africana.** Brasília: MEC, 2004.





_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998.

BREDA, Omri Ferradura. **Ideologia racial brasileira**: o racismo subjacente nas histórias em quadrinhos. 2015. Disponível em: <<http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/ideologia-racial-brasileira-o-racismo-subjacente-nas-historias-em-quadrinhos>>. Acesso em: 20.10.2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em: 22.10.2016.

GUEDES, Roberto. Mistérios da caverna da caveira. In: FALK, Lee. **O Fantasma Magazine**. São Paulo: Ópera Gráfica, 2002.

LOPES, Romildo Sérgio. **Representação da identidade negra nas histórias em quadrinhos**. 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-0769-1.pdf>>. Acesso em: 22.10.2016.

MORESI, Eduardo. **Metodologia da Pesquisa**. Brasília: UCB, 2003. Disponível em: <<http://www.inf.ufes.br/~pdcosta/ensino/2010-2-metodologia-de-pesquisa/MetodologiaPesquisa-Moresi2003.pdf>>. Acesso em: 22.10.2016.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O tempo dos povos africanos**. Ministério da Educação – MEC/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD, 2007. Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2013/12/SUPLEMENTO-DIDATICO.pdf>>. Acesso em: 21.10.2016.

NUNES, Yuri Saladino Souto Maior. **Cultura e Política nas Histórias em Quadrinhos Luke e Tantra De Angeli**. Campina Grande: UFCG, 2013.

VILELA, Túlio. **Quadrinhos e neocolonialismo**: Mandrake, Lothar, ambiguidade e preconceito. 2011. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/quadrinhos-e-neocolonialismo-mandrake-lothar-ambiguidade-e-preconceito.htm>>. Acesso em: 22.10.2016.

WENSE, Henrique Sampaio. **A imagem do negro nos quadrinhos e nas produções audiovisuais infantojuvenis**. Brasília: Universidade de Brasília, 2015. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/12088/1/2015_HenriqueSampaioWense.pdf>. Acesso em: 22.10.2016.